Capítulo 11

Termo 1

O Magnânimo

Que o magnânimo se comporta bem em todas as coisas, tanto nas riquezas quanto nos poderes e em toda boa fortuna, e nem se alegra demasiadamente na prosperidade, nem se entristece na adversidade, nem se alegra muito acerca da honra.

Que não são magnânimos os que têm os bens da fortuna sem virtude.

Sobre as propriedades do magnânimo.

Que os magnânimos guardam na memória aqueles a quem fizeram o bem, mas não aqueles de quem receberam bens.

Que é próprio do magnânimo não precisar de nada, ou de muito pouco.

Que é próprio do magnânimo fazer algo grande em relação àqueles que estão em posição de dignidade, porque é difícil superar os grandes e ser venerado por eles.

Que é próprio do magnânimo ser ocioso e vagaroso, enquanto não se intromete em quaisquer obras, mas apenas onde há grande honra e necessidade; e realiza poucas obras, mas grandes e nobres.

Que o magnânimo é necessariamente manifesto no ódio e na amizade, porque esconder-se é próprio do covarde.

Que o magnânimo se importa mais com a verdade do que com a opinião, porque a opinião dos homens é por ele reputada em pouco.

Que o magnânimo é manifesto nas palavras e nos atos, porque livremente divulga o que faz, visto que despreza os outros.

Que o magnânimo é verídico no que diz, exceto quando fala por ironia.

Que é próprio do magnânimo não poder conviver com os outros, mas convive com o amigo, porque conviver com os outros é servil.

Que o magnânimo não é dado à admiração; pois nada é grande para ele.

Que o magnânimo não guarda memória do mal que lhe foi infligido, mas antes o despreza.

Que o magnânimo não é falador, nem sobre si nem sobre os outros, nem se importa em ser louvado nem que os outros sejam censurados, nem fala mal dos inimigos, a não ser por causa de uma injúria.

Que o magnânimo não costuma suplicar por coisas necessárias e pequenas.

Que o magnânimo é capaz de possuir antes coisas boas e infrutíferas do que frutíferas e úteis.

Que parece próprio do magnânimo ter movimento lento e grave, voz grave e um modo de falar estável.

Que o magnânimo não é apressado nem contencioso, porque nada considera grande.

Que o magnânimo é aquele que se julga digno de grandes coisas, sendo de fato digno.

Que o magnânimo é extremo pela grandeza, mas é meio-termo porque busca o que é preciso e como é preciso.

Que o magnânimo se ocupa de uma única coisa máxima.

Que o magnânimo parece ocupar-se das honras; pois os grandes julgam-se a si mesmos dignos de honra.

Que o magnânimo é digno das coisas máximas de que se julga digno e, por isso, é o melhor.

Que o magnânimo realiza o que há de grande em cada virtude e nunca fugirá de quem o convoca à guerra.

Que o magnânimo parece ser ridículo não sendo bom.

Que ser verdadeiramente magnânimo é difícil.

Que o magnânimo se ocupa sobretudo das honras e das desonras, e nas coisas grandes e virtuosas se deleitará moderadamente.

Que o magnânimo dá pouco valor à honra que provém de coisas fortuitas e em coisas pequenas.

Termo 2

Os maus

Que os maus desejam o que é deleitável como se fosse o bem e fogem da tristeza como se fosse o mal; pois não lhes parece haver bem verdadeiro.

Que ninguém é mau querendo nem bem-aventurado sem querer; isto, de um lado, assemelha-se ao falso, de outro, ao verdadeiro.

Que nos tornamos maus voluntariamente, mas, uma vez feitos os atos, já não está em nós não sê-lo.

Que nenhum mau é prudente.

Que os maus não têm nada de firme, nem no hábito nem na amizade, e por isso não permanecem nem semelhantes a si mesmos e por pouco tempo se tornam amigos, alegrando-se mutuamente na malícia.

Que muitos maus querem, de fato, receber o bem, mas evitam fazê-lo como algo inútil.

Que se deve escolher o menor dos males quando é difícil atingir o meio-termo.

Que o mal ocorre de múltiplos modos, mas o bem de um só modo.

Que o mal a si mesmo se destrói, e, se fosse íntegro, tornar-se-ia insuportável.

Que o mal menor é, de certo modo, bom.

Que o mal menor é mais preferível do que o maior.

Termo 3

Malícia

Que a malícia é algo voluntário.

Que as malícias corporais que estão em nosso poder são censuradas; mas as que não estão em nosso poder não são censuradas.

Que as malícias são certamente voluntárias, assim como as virtudes.

Que a malícia não é da besta, nem a virtude, como tampouco são de Deus.

Que nem à malícia nem a qualquer coisa censurável se deve perdão.

Que a malícia perverte e faz mentir acerca dos princípios particulares.

Que a malícia corrompe o princípio, mas a virtude o preserva.

Que se deve fugir intensamente da malícia e esforçar-se por ser virtuoso, pois assim se comportará amigavelmente para consigo mesmo e será amigo do próximo.

Que o mau prejudica a si mesmo e ao próximo, seguindo paixões depravadas.

Que todo mau é, de algum modo, ignorante.

Que no mau dissoam o que se deve fazer e o que ele faz.

Magnanimidade. Que para a magnanimidade parecem contribuir a nobreza, as riquezas e o poder, pois estão numa certa excelência e tornam alguém digno de honra.

Que a magnanimidade se ocupa da grande honra.

Que a magnanimidade se ocupa das honras e das desonras; o excesso, porém, é a presunção, e a falta, a pusilanimidade.

Que a magnanimidade é o ornato das outras virtudes.

Que a maior coisa de que se ocupa a magnanimidade é aquilo que atribuímos aos deuses, que desejam os que estão em dignidade e que é o prêmio das virtudes; e isto é a honra.

Termo 4

Magnificência

Que a magnificência é um meio-termo acerca das riquezas, mas a magnificência difere do liberal.

Que a magnificência é uma certa virtude acerca dos grandes gastos em riquezas.

Que a magnificência é dos gastos que dizemos honrosos, por exemplo, as oferendas votivas aos deuses, os preparativos e os sacrifícios.

Que há magnificência mesmo no presente pueril de uma bola e de um pequeno jarro, ainda que quanto ao preço seja pequeno e mesquinho.

O magnífico. Que o magnífico se ocupa das coisas grandes, o liberal das pequenas.

Que o magnífico excede o liberal na grandeza.

Que não se chama magnífico aquele que gasta segundo a dignidade em coisas pequenas e moderadas, mas aquele que gasta em coisas grandes.

Que o magnífico se assemelha ao sábio.

Que o magnânimo se preocupa mais com o modo de fazer o que é ótimo e mais conveniente do que com que qualidade e em que quantidade.

Que o magnífico deve ser liberal, porque gasta o que é preciso e como é preciso.

Que a contemplação do magnífico é admirável, porque tudo o que o magnífico faz é admirável.

Que em tudo o que concerne ao magnífico é preciso considerar de que condição ele é e de que posses dispõe.

Que ao renome da pessoa do magnífico pertencem amplas posses, adquiridas ou por si mesmo ou pelos antepassados, e que sejam nobres de linhagem e ilustres por dignidade.

Que os gastos do magnífico a respeito das coisas próprias são quaisquer que se façam de uma só vez, como as bodas dos filhos, ou alguma festa com que toda a cidade se ocupa, ou a recepção de estrangeiros, e as doações, e coisas semelhantes.

Que é próprio do magnífico preparar habitações de modo condizente com as riquezas, porque é próprio do magnífico fazer gastos com aquelas coisas com que se adorna a sua magnificência.

Que o magnífico, em cada gênero, gasta muito segundo aquele gênero.

Mansidão. Que a mansidão é uma mediania a respeito da ira; o que a excede é chamado irascível.

Sobre a mansidão, que é uma mediania a respeito das iras, que tende a um defeito inominado que existe.

Voz 5

O manso

Que o manso é louvado porque quer estar imperturbado e não ser conduzido pela paixão, mas conforme a razão ordena segundo todas as circunstâncias; e aproxima-se mais do defeito, porque não é dado a punir, mas antes a perdoar.

Que à mansidão se opõe mais o excesso do que o defeito.

Mão. Que a mão direita, segundo a natureza, é melhor do que a esquerda, mas acontece que alguém seja ambidestro, em quem a esquerda é mais apta.

Voz 6

Remédio

Que os remédios são naturalmente feitos para atuar pelos contrários.

Voz 7

O médico

Que o médico não considera a saúde em universal, mas esta saúde do homem e do homem deste tipo.

Que os médicos excelentes consideram e se ocupam do conhecimento do corpo.

Que saber aquilo pelo qual os médicos curam é fácil, mas de que modo é preciso usá-lo nos diversos casos segundo as diversas compleições é tão difícil de saber quanto o é ser médico.

Que o médico e todo artífice operativo operará da melhor forma quando sabe o universal, porque isto, com efeito, é útil a todos.

Que alguns médicos parecem ser ótimos para si mesmos, mas incapazes de socorrer qualquer outro, porque não podem curar aqueles cujo mal não experimentaram.

O meio. Que quem se afasta pouco do meio não é censurado, mas quem se afasta mais, e tal não passa despercebido, isto é, quem não está no meio; ora, este, enquanto censurável, não é fácil de determinar.

Que os que conjeturam o meio devem atentar para aquilo em direção ao qual somos facilmente movidos por natureza, porque diversos tendem a coisas diversas; e isto se conhece a partir do deleite e da tristeza, e a partir destes é preciso puxarmo-nos para o contrário, e assim, afastando-nos muito do pecado, chegaremos ao meio.

Que é difícil determinar o meio nos casos singulares, porque às vezes os deficientes são louvados e chamados mansos, e às vezes os agressivos são chamados viris.

Que o meio é contrário aos extremos, assim como o igual, que é o meio entre o grande e o pequeno, com respeito ao pequeno é maior, com respeito ao grande é menor.

Que o meio às vezes tem semelhança com um dos extremos, assim como a fortaleza se assemelha à audácia e a liberalidade à prodigalidade.

Que em cada coisa tomar o meio é difícil, por exemplo, o meio do círculo não é para qualquer um, mas para quem sabe; desviar-se, porém, é fácil.

Que quem conjetura o meio deve, primeiro, afastar-se mais do contrário; o exemplo de Calipso.

Que o meio da coisa é aquilo que dista igualmente de um e outro dos extremos, o qual é um só e o mesmo para todos.

Que o meio quanto a nós não se toma assim segundo a distância da quantidade em relação a um e outro dos extremos, porque não é necessário que, se para alguém é excessivo comer dez minas e para alguém pouco, o mestre, isto é, o sábio, prescreva que coma seis como meio, porque isto para alguém será muito e para alguém será pouco; e exemplifica com Milão e o mestre dos ginásios.

Que todo aquele que sabe deseja o meio e foge do excesso e do defeito; digo o meio quanto a nós.

Que atingir o meio é difícil.

Que o meio é a reta razão nas coisas morais.

Que o meio é determinado segundo a reta razão em todos os hábitos.

Que o meio em todos os afazeres é a reta razão, da qual não é preciso exceder-se.

Voz 8

A mediania

Sobre as medianias a respeito das operações e das paixões.

Que a mediania em todas as coisas deve ser louvada, mas os extremos não são retos nem louváveis, e sim censuráveis.

Que há medianias nas paixões.

Curadores. Que alguns não se tornam curadores por lerem os livros de medicina, mas por serem versados na arte da medicina.

Voz 9

O hábito médio

Que o hábito médio em todas as coisas é louvável.

Que o hábito médio é louvável, segundo o qual nos iramos como é preciso, segundo todas as circunstâncias, ao passo que o excesso e o defeito são censuráveis.

Que o hábito médio é louvável quando aceita o que é preciso e despreza o que é preciso.

Termo 10

Mentira

Que a mentira é má em si mesma e deve ser evitada; a verdade, porém, é também um bem louvável.

Que os mentirosos são censuráveis, mas ainda mais o jactancioso.

Medida. (Deve ser uma nova categoria.) Que as medidas não são iguais em toda parte.

Se a retribuição de um benefício deve ser feita segundo a medida da utilidade que aquele que recebe ou padece obteve, ou segundo a quantidade do benefício que o outro despende.

Sobre a medida da amizade que é segundo a virtude.

Que na amizade de utilidade se encontrou uma medida comum, e esta é o dinheiro, ao qual todas as coisas se referem e pelo qual são medidas.

Que a medida de todas as coisas é a virtude e o homem virtuoso.

Termo 11

Medição

Como se faz a medição quando há dons deste gênero sem pacto, mas com esperança de retribuição; e diz o Filósofo que não só é necessário, mas também justo, que aquele que possuía antes ordene e meça a retribuição, de modo que, quanto foi ajudado aquele que recebe, tanto tenha por isso o que dá a devida dignidade, como se vê acontecer nas compras.

Que é preciso que todas as coisas se meçam por uma única que, segundo a verdade, contém todas as coisas.

Termo 12

Modo / método

Que é diverso o modo de proceder nos raciocínios que vão dos princípios ou aos princípios, como Platão põe o exemplo dos estádios e dos atletas.

Termo 13

O homem modesto

Que o homem modesto se diminui.

Termo 14

Movimento

Que, assim como os corpos são julgados pelos seus movimentos, assim também os costumes.

Que o movimento é o princípio do ato na razão de causa eficiente.

Que a todo movimento parece ser próprio a rapidez e a lentidão, ainda que não por si mesmo; e diz isto por causa do movimento do último orbe.

Que todo movimento se dá no tempo, porque o movimento espera algo no futuro pelo qual se aperfeiçoe a sua espécie, como exemplifica na construção, cuja uma parte, como a composição das pedras, é distinta da estriação da coluna.

Termo 15

Morte

Que dizer que a morte induz a felicidade parece inconveniente.

Que os mortos não participam dos bens ou dos males dos amigos, mas, se algo reflui sobre eles, isto é frágil e pequeno; ou o que há neles não é tão grande nem de tal natureza que lhes dê ou lhes tire a felicidade.

Que a morte é o fim das coisas terríveis e a mais terrível, porque é o termo.

Que aos mortos nada parece ser nem bom nem mau.

Que morrer para fugir da pobreza ou da cobiça ou de alguma coisa triste não é próprio do homem corajoso, mas antes do covarde.

Costumes. (Deve ser uma nova categoria.) Que nos costumes é preciso haver algo que dirija a isto: que alguém não faça coisas más, nem voluntária nem involuntariamente.

Que o hábito moral parece existir de algum modo por natureza, como o do justo e o do temperante.

Que a virtude moral não só é segundo a reta razão, mas com a reta razão.

Que aqueles que são de um mesmo costume, criados juntos e educados de modo semelhante, mais se amam entre si.

Termo 16

Empréstimo

Que, assim como os que emprestam querem a saúde daqueles a quem emprestam, para não perderem o seu, e não o contrário, assim é nos benefícios; e o autor principal desta solução foi Epicário.

Que se deve pagar antes o empréstimo devido do que dar a um amigo.

Termo 17

Recompensa

Que a recompensa deve ser retribuída ao homem segundo a utilidade que obtém aquele que recebe.

Que a recompensa do príncipe é a honra e a glória.

Termo 18

Mães

Que certo homem, a saber, o rei dos persas, sacrificou a mãe por causa da loucura e a devorava.

Que as mães amam os filhos mais do que os pais, porque estão mais certas de que são seus.

Que as mães amam mais os filhos, porque trabalham mais em torno deles; pois é mais laboriosa a geração deles.

Termo 19

Matéria

Que se deve investigar tanto quanto a matéria o exige, na medida em que é próprio da doutrina.

Termo 20

Soldados

Que, porque os soldados são peritos nas coisas da guerra, nas quais há muitas coisas vãs que não devem ser temidas, por isso parecem corajosos ao empreenderem as batalhas com mais segurança; pois sabem infligir dano aos outros e proteger-se dos danos que lhes são infligidos.

Que os melhores soldados não são corajosos, ainda que estejam preparados para os perigos, não tendo nenhum outro bem em vista; pois lutam por bens temporais e trocam a vida por pequenos ganhos, mas o corajoso o faz pelo que é ótimo e pelo bem da virtude.

Termo 21

Multiplicidade

Que na multiplicidade há muita diferença, pois algumas são latentes e outras aparentes, e algumas próximas e outras remotas.

Termo 22

As coisas mais evidentes

Que as coisas mais evidentes, das quais o mundo é constituído, são mais nobres do que o homem.

Termo 23

A mente

Que a mente especulativa nada move.

Termo 24

A premissa menor

Que as premissas menores são os princípios da obra final por meio da execução.

Que a premissa menor é o princípio na operação.

Termo 25

A molície

Que a molície e a incontinência são coisas más e dignas de censura.

Que se diz mole aquele que é vencido pelas tristezas que muitos vencem.

Que ao mole se opõe o perseverante.

Os melancólicos. Que os melancólicos e os coléricos são os mais desenfreados.

Que os melancólicos estão sempre em veemente apetite.

Termo 26

As mulheres

Que as mulheres não são chamadas incontinentes absolutamente, pois não conduzem, mas são conduzidas pela molície da natureza e pela deficiência da razão.

Termo 27

O guincho do rato

Que alguns temem o guincho do rato e da doninha por causa da bestialidade.

Os milésios

Que os milésios não são de fato tolos, mas agem como agem os tolos; assim os incontinentes não são injustos, mas praticam coisas injustas.

Revision #2
Created 11 October 2026 19:23:42 by Admin
Updated 17 October 2026 18:25:13 by Admin